

O desafio nuclear iraniano

Publicação: [O Mundo em Português Nº61](#)

Data de Publicação: Fevereiro/Março de 2006

Autor: Ramin Jahanbegloo

A 11 de Janeiro, o Irão, na presença de inspectores da Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA), o órgão de supervisão das Nações Unidas para as questões nucleares, removeu os selos da Central de Natanz, situada 250 quilómetros a sul de Teerão. As autoridades iranianas sublinharam que tomaram esta atitude para poderem produzir energia e não para a produção de grandes quantidade de urânio enriquecido. O director da AEIA, Mohamed El Baradei, também reconheceu que o Irão pretendia produzir urânio enriquecido em «pequena escala». No entanto, o mesmo El Baradei, numa entrevista à Newsweek, declarou: «Se eles (iranianos) têm o material nuclear e se tiverem, em paralelo, um programa de armamento, não estão na verdade muito longe – só a uns meses – de terem uma arma». A remoção dos selos da AIEA desencadeou fortes reacções por parte de quatro dos membros do Conselho de Segurança da ONU – Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Rússia – e de outros actores centrais europeus. Parece que, após dois anos de duras negociações, os iranianos concluíram que o diálogo crítico com os representantes da União Europeia não vingou porque, na sua opinião, os europeus estavam a tentar impedir de forma permanente os esforços iranianos para utilizar energia nuclear.

O líder supremo iraniano, o Ayatollah Ali Khamenei, desafiou o Ocidente ao declarar de forma firme e clara que Teerão não desistiria do seu programa nuclear, «alcançado pela talentosa juventude do país». A remoção dos selos deu-se após conversas entre a Rússia e o Irão sobre uma proposta de compromisso para acabar com a polémica em torno do enriquecimento de urânio. Moscovo propôs a Teerão fazer o enriquecimento de urânio em território russo, como forma de demover os receios Ocidentais de que a tecnologia poderia permitir que o Irão produzisse uma bomba nuclear. Há muito que Washington proclama que um país rico em petróleo como o Irão não necessita de energia atómica e que Teerão só quer um reactor nuclear (que os russos estão a construir) para poder desenvolver armas nucleares. No entanto, de acordo com a jornalista do Washington Post, Dafna Linzer, “Uma avaliação dos serviços de informações dos Estados Unidos aponta para que o Irão ainda esteja a uma década de

poder fabricar o ingrediente chave para a construção de uma arma nuclear. Se esta análise é correcta, a possibilidade de o governo iraniano poder ter uma bomba atómica é praticamente o dobro da estimativa anterior de cinco anos, feita com base em conhecimentos privilegiados das fontes do governo americano».

Mas mesmo se esta nova estimativa contém dúvidas e incertezas sobre se os clérigos iranianos tomaram a decisão de construir um arsenal nuclear, é óbvio que Washington preferiria claramente que o Irão não tivesse qualquer reactor nuclear. Muitos em Washington argumentam que se o Irão tiver uma bomba atómica, irá certamente usá-la como forma de expandir e consolidar a sua esfera de influência no Médio Oriente. Para outros, a bomba iraniana permitiria ao Irão ter uma política externa muito mais agressiva em relação ao seu archi-rival, Israel. Finalmente, alguns países ocidentais receiam que alguns elementos dentro do regime iraniano venham a fornecer material físsil a terroristas islâmicos por todo o mundo.

O mais importante contra-argumento que o Irão avança é que, no quadro do Tratado de Não-Proliferação Nuclear, é-lhe permitido desenvolver, sob inspecção, um ciclo de combustível nuclear. Quanto à bomba atómica, se o Irão tomasse essa opção, existem muitos argumentos debatidos nos think tanks da capital iraniana. O primeiro é o facto de a vizinhança iraniana estar repleta de armas nucleares. Três poderes nucleares – Paquistão, Israel e Rússia – estão mesmo ao lado, e outros dois – Índia e China – não estão muito distantes. Por outro lado, o Irão está rodeado de presença militar americana nos países vizinhos – Afeganistão, Turquia, Iraque e Ásia Central –, e os navios de guerra americanos, equipados com mísseis de longo alcance, navegam no Golfo Pérsico. Igualmente a ter em consideração é a actual liderança iraniana, menos susceptível de aceitar um acordo global com o Ocidente. Mahmoud Ahmadinejad, um quase desconhecido antigo membro da milícia nacional islâmica, que foi nomeado presidente da câmara de Teerão na sequência da vitória eleitoral conservadora, em 2003, tem fortes laços com a elite conservadora tradicional iraniana. Apoiado pelos guardas revolucionários e pelas forças de segurança iranianas, Mahmoud Ahmadinejad está certamente motivado para solidificar a posição da facção securitária no seio da elite governante iraniana.

Para além de todos estes argumentos, convém não esquecer que o desenvolvimento de tecnologia nuclear se transformou numa questão de orgulho nacional, com o auxílio do governo iraniano, que mobilizou os sentimentos públicos contra o Ocidente. Alguns iranianos acreditam que a pressão americana para que o país abandone o seu programa faz parte de uma conspiração das potências ocidentais para impedir o Irão de ter uma

investigação científica avançada, para que se mantenha atrasado e dependente do Ocidente. Neste cenário, nenhuma facção política iraniana se pode dar ao luxo de advogar o abandono do programa nuclear. Esta questão, no entanto, não é um problema que faça parte do quotidiano dos iranianos. Uma sondagem efectuada por um jornal com tendências reformistas, em Dezembro de 2005, mostrou que mais de 65% dos iranianos perderam o interesse inicial que tinham nesta questão.

Isto dito, o Irão irá certamente continuar o seu programa nuclear. Para além da importância da questão nuclear como factor político de consolidação e popularidade do regime, os governantes iranianos estão muito conscientes das limitadas opções do Ocidente. A aplicação de sanções, por exemplo, não será fácil. Com o actual preço do petróleo, qualquer restrição aos 2,5 milhões de barris diários que o Irão exporta actualmente só iria fazer subir os preços ainda mais. E se as sanções não resultassem? A acção militar poderia entrar na agenda, mas é óbvio que qualquer ataque preventivo às instalações de enriquecimento de urânio iranianas, por parte dos Estados Unidos ou de Israel, ou dos dois países, numa acção similar ao ataque israelita, no início dos anos 80, contra o projecto nuclear OSIRAK, no Iraque, seria uma decisão perigosa, com consequências imprevisíveis. Tanto os Estados Unidos como Israel têm a capacidade técnica e operacional para um ataque desse tipo, mas seria sempre recheado de problemas, de um tipo que Israel não teve que enfrentar em relação ao Iraque.

Na mesma linha, uma intervenção militar liderada pelos Estados Unidos, similar à desencadeada no Iraque, é pouco provável, pois poderia ter um desenlace ainda pior. Poderia abalar o apoio xiita às forças de segurança americanas no Iraque, no seu esforço de pacificação do país, e os países da UE certamente que não a apoiariam. Mais, um ataque ao Irão deve também ser visto em relação com a retirada programada das tropas sírias do Líbano, o que também vem abrir um novo espaço para a movimentação de tropas israelitas. A participação da Turquia na operação militar israelo-americana é outro factor, na sequência de um acordo alcançado ente Ancara e Telavive. Uma acção militar contra o Irão pode desencadear uma guerra muito mais vasta no Médio Oriente, já para não falar na implosão do estado palestino. E se tal acontecesse, seria certamente um momento crítico para o Ocidente, o Irão e Israel. Por outras palavras, está muito em jogo, para muita gente, no desafio nuclear iraniano, pelo que tanto o Irão como o Ocidente devem ser extremamente cautelosos na forma como vão gerir a questão nos próximos meses.